



Morte de Marcelino dos Santos chocou o país e não só

## MARCELINO DOS SANTOS (1929-2020)

# Incutiu o nacionalismo nos seus companheiros

**M**ARCELINO dos Santos foi um político revolucionário e patriota que conseguiu, pela sua entrega e abnegação, incutir o nacionalismo nos seus companheiros da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) para nunca desistir da epopeia de libertar a terra e os homens.

A ideia é defendida por combatentes da luta de libertação nacional e camaradas de Marcelino dos Santos na FRELIMO, que também consideram que com a sua morte perde este partido, em particular, mas também perdem os moçambicanos, que ficaram sem "parte da sua história".

Marcelino dos Santos morreu na última terça-feira, em Maputo, aos 90 anos de idade, vítima de paragem cardíaca, segundo confirmaram os seus médicos. O infortúnio foi

anunciado pelo Presidente da República, Filipe Nyusi, num comício popular em Pemba, Cabo Delgado.

Na ocasião o Chefe do Estado disse que o Governo tinha reconhecido e proclamado o heroísmo de Marcelino dos Santos em junho de 2015 bem como que o malogrado era do tipo de pessoa que inspira em todos os momentos.

A propósito, o Governo decretou luto nacional de sete dias, contados desde ontem, tendo em conta a dimensão dos feitos e da obra de Marcelino dos Santos, entre os quais sacrifício, coragem, audácia e abnegação na luta de libertação colonial; contra o racismo e outras formas de opressão e dominação.

Entrevistado pelo "Notícias" a propósito da morte deste herói nacional, os combatentes afirmam que, na sua

calma, Marcelino dos Santos soube gerir e ultrapassar diversas fases conturbadas que se registaram no seio da Frelimo durante a luta de libertação nacional.

Para além de ser uma pessoa calma, Marcelino dos Santos foi descrito como inteligente e que com facilidade conseguia transmitir os seus conhecimentos a outras pessoas e sabia aproveitar as ideias úteis dos seus companheiros.

Na opinião dos seus companheiros, Marcelino dos Santos sempre foi uma pessoa persistente nos ideais pelos quais lutava e isso foi notório, segundo referiram, em todos os lugares por onde passou no país e no estrangeiro.

Exemplo disso é o facto de não ter conseguido concluir os seus estudos em Portugal, por ainda cedo ter se evidenciado nos protestos contra a opres-

são e por isso perseguido pelo governo colonial e pela Polícia Internacional de Defesa do Estado.

Tal como em Portugal, de acordo com os entrevistados, Marcelino dos Santos também foi obrigado a abandonar a França devido à sua intensa actividade política, que chamou atenção às autoridades francesas, mudando-se sucessivamente para Bélgica, Inglaterra e finalmente Marrocos.

Foi neste país magrebino onde, juntamente com outros revolucionários de colónias portuguesas, como Amílcar Cabral, Guilherme Espírito Santo, Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade, cria a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), um movimento que muito inspirou o prosseguimento da luta de libertação nacional.

## Foi um bom professor



Francisco Cabo, combatente da luta de libertação nacional

FRANCISCO Cabo, veterano da luta de libertação nacional, considera Marcelino dos Santos um bom professor, com quem trabalhou e aprendeu uma série de coisas, entre as quais responder cartas oficiais e redigir

documentos políticos.

"Conheci Marcelino dos Santos nas vésperas da preparação do II Congresso da FRELIMO. Trabalhámos juntos e, mais outros camaradas, na preparação da documentação

para esta importante reunião da Frente", disse Cabo, acrescentando que com Marcelino dos Santos aprendeu como pensar e como redigir um documento político.

Acrescenta: "também trabalhei com ele depois da morte de Eduardo Mondlane nos últimos momentos da sua vida, lembrando-se de uma viagem para Cartum, no Sudão, onde se realizou a primeira conferência internacional de apoio e solidariedade para com os povos das colónias portuguesas.

Francisco Cabo defende que neste momento os jovens devem se apegar às acções e obras, nos ideais e nos princípios de Marcelino dos Santos para se inspirarem de modo a encontrar as melhores formas de trabalhar para o desenvolvimento do país independente.

tário das Relações Exteriores, ensinava e dava indicações e instruções para responder a toda a documentação que chegava ao departamento.

Lembrou igualmente que também trabalhou com o Eduardo Mondlane nos últimos momentos da sua vida, lembrando-se de uma viagem para Cartum, no Sudão, onde se realizou a primeira conferência internacional de apoio e solidariedade para com os povos das colónias portuguesas.

Francisco Cabo defende que neste momento os jovens devem se apegar às acções e obras, nos ideais e nos princípios de Marcelino dos Santos para se inspirarem de modo a encontrar as melhores formas de trabalhar para o desenvolvimento do país independente.

## Tutor em matérias sobre revolução

MARIANO Matsinha, veterano da luta de libertação nacional, afirma que Marcelino dos Santos foi seu tutor em matérias de nacionalismo revolucionário, de quem guarda memórias de diversas viagens efectuadas em conjunto, em que sempre conversavam sobre política revolucionária.

O entrevistado disse guardar vários momentos da convivência com Marcelino dos Santos, enquanto secretário das Relações Exteriores da Frelimo, com quem trabalhou e efectuou algumas viagens de trabalho em busca de apoios para a luta de libertação colonial.

"Lembro-me de uma viagem à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (actual Rússia) e para outros países, como Cuba, Chile, Estados Unidos da América, e sempre as nossas conversas eram sobre política, mas também sobre ofensiva revolucionária que ele deveria orientar na época da nossa luta", afirma Mariano Matsinha, para quem com a morte de



Mariano Matsinha, veterano da luta de libertação

Marcelino dos Santos perdeu muito a Frelimo e perdeu muito o povo moçambicano no seu todo.

Para este veterano da luta de libertação, a morte de Kallungano, como era carinhosamente tratado Marcelino dos Santos, é uma grande perda, porque foi-se um grande homem, um nacionalista e revolucionário profundo que nunca abdicou até à sua morte.

Reconheceu que o malogrado andava doente já há algum tempo, mas apesar do seu sofrimento manteve a sua persistência nos seus princípios revolucionários, marxistas e leninistas.

"Foi meu tutor durante a luta de libertação nacional, sobretudo na questão da revolução, por isso eu sinto que devo valorizar, partilhar e eternizar tudo aquilo que ele ensinou durante a nossa convivência", reitera Mariano Matsinha, que foi Ministro da Segurança no Governo do saudoso Presidente Samora Machel.

## Cumpriu a sua missão libertária



Eduardo Nihia, general na reserva e antigo combatente

PARA Eduardo da Silva Nihia, general na reserva, a morte de Marcelino dos Santos é uma perda para o país, para o continente e para o mundo, podendo se considerar que ele perde a vida depois de cumprir a sua

missão de libertar a terra e os homens da opressão fascista.

Nihia conta que juntou-se à Frente de Libertação de Moçambique em 1965, na Tanzânia, mesmo ano em que conheceu Marcelino dos Santos, segun-

do disse, um homem simples e que nunca teve tendência de se mostrar superior aos seus companheiros.

Sustentou a sua caracterização pelo facto de ter chegado a Dar-Es-Salaam e encontrado Marcelino dos Santos, um dos membros-fundadores da FRELIMO, que tratava a todos os compatriotas da mesma forma.

"Conheci Marcelino dos Santos em 1965, na Tanzânia, mas ele já estava lá como um dos fundadores da Frente de Libertação de Moçambique. Para mim, como para todos os outros combatentes, ele sempre se mostrou um patriota nato e disposto a morrer pela sua luta", disse Eduardo Nihia.

Exemplo de dedicação à sua causa, tal como afirmou o nosso interlocutor, é que Marcelino dos Santos conduziu o seu patriotismo e nacionalismo revolucionário a ponto de ser obrigado a abandonar os seus estudos em Portugal, tendo fugido para França e mais tarde para Marrocos.

Nihia referiu que é esse patriotismo que deve continuar a inspirar os moçambicanos, particularmente a juventude, a ter clareza nas suas prioridades e a serem persistentes para alcançar os seus objectivos.

O entrevistado refere que as convicções de Marcelino dos Santos sempre nortearam as suas caminhadas, de tal forma que mesmo depois da independência nacional continuou um acérrimo defensor da criação de condições para o bem-estar do povo.

"Marcelino dos Santos fez sempre vincar o seu nacionalismo e é isso que devemos seguir para a sua valorização, prosseguir com os ideais deste herói nacional, que cumpriu a sua missão com honestidade e muita humildade", disse Eduardo Nihia, reiterando que os moçambicanos precisam reconhecer que Marcelino dos Santos cumpriu a sua missão, assumida na juventude, de libertar a terra e os homens da opressão e da dominação colonial portuguesa.

## Demonstrou lealdade

RAIMUNDO Pachinuapa considera que Marcelino dos Santos é um combatente e líder político militar que sempre demonstrou lealdade aos seus princípios e à causa da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) em todos os momentos da sua vida.

"Perdemos um companheiro, um chefe, um dirigente, um homem que deu de si para Moçambique ser aquilo que é hoje. Marcelino dos Santos fez vincar o seu carácter revolucionário em todos os aspectos e o que nos resta agora é pedir a Deus que o receba bem e que tenha um eterno descanso", afirma Pachinuapa, general na reserva.

O entrevistado conta que conheceu e trabalhou com Marcelino dos Santos em 1963 quando chegou a Dar-Es-Salaam, na Tanzânia, para se juntar ao movimento da luta de libertação contra o colonialismo

português.

Desde o início, segundo afirmou, apercebeu-se que Marcelino dos Santos era uma pessoa de forte personalidade e que sempre exigiu primeiro de si e depois dos outros companheiros empenho para o alcance do objectivo comum: a independência nacional.

Pachinuapa classificou Marcelino dos Santos de uma pessoa paciente, calma, atenciosa, pronta e sempre bem-disposta para tudo, desde que isso não colocasse em causa os seus princípios de integridade.

"Tivemos momentos em que a nossa organização teve problemas com a infiltração de agentes da PIDE e nalgum momento chegou a ser apontado como suspeito e chamado 'mulato', mas Marcelino dos Santos nunca ligou a essas coisas e manteve-se focado aos objectivos da FRELIMO, demonstrando sempre lealdade



Raimundo Pachinuapa, general na reserva

à causa da libertação do país da colonização portuguesa", conta Raimundo Pachinuapa, acrescentando que o carácter revolucionário deste herói na-

cional inspirou nacionalistas de outras colónias portuguesas e de outros países que igualmente lutavam pela sua auto-determinação.

## PR recebe condolências do ex-estadista de Cabo Verde

O PRESIDENTE da República, Filipe Nyusi, recebeu uma mensagem de condolências do antigo Presidente da República de Cabo Verde, Pedro Pires, pelo falecimento, na terça-feira, do herói nacional Marcelino dos Santos.

Na mensagem, Pedro Pires refere que foi com muita pena que tomou conhecimento do falecimento do querido camarada Marcelino dos

Santos. Com esta perda, segundo a mensagem de Pedro Pires, Moçambique e o seu povo ficaram privados de uma das suas referências maiores do combate árduo e paciente pela dignidade e libertação da dominação colonial e do portador idealista dos sonhos da igualdade, da fraternidade e do progresso equitativo para todos os moçambicanos e os africanos, no

geral.

"Por esta perda irreparável apresentamos a Vossa Excelência, e também por vosso intermédio à família enlutada e à nação moçambicana, na sua plenitude, as nossas condolências entristecidas e manifestamos-vos a nossa solidariedade fraterna nesta ocasião de consternação e de dor representada pela morte do vosso herói nacional, com quem ti-

vemos o privilégio de partilhar uma longa caminhada de desassossego, de combate intenso, de insucessos e, finalmente, de grande vitória emancipada", lê-se na mensagem.

Para o antigo Presidente cabo-verdiano, Marcelino dos Santos pertenceu à geração pioneira e visionária dos grandes patriotas africanos originários das antigas colónias de Portugal, entre os quais

se destacavam as figuras épicas de Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Agostinho Neto, Viriato Cruz, Lúcio Lara e Mário Pinto de Andrade, que juntos e, solidariamente, souberam forjar os caminhos difíceis do combate pertinaz, solidário e duro, que culminaram com a libertação e as independências dos países e povos então oprimidos e humilhados.

"Para com estes grandes africa-

nos, a nós, os seus companheiros e herdeiros, fica-nos a dívida moral, a cumprir, de lealdade, de reconhecimento e de respeito de memória", sublinha o antigo governante, e acrescenta que "neste momento de pesar, também de meditação, da partida do último companheiro daquela geração de fundadores, inclinamo-nos, em companhia dos seus admiradores moçambicanos, cabo-

-verdianos, angolanos, guineenses, são-tomenses e africanos, no geral, perante a figura épica de um combatente de liberdade intrépido e de homem de Estado lúcido e probo que foi Marcelino dos Santos, a quem rendemos a homenagem de companheiro de combate, de correligionário de causas e de amigo de todos momentos da caminhada de luta e sonhos que foi e tem sido a nossa vida".